

“TERRA (FÉRTIL) À VISTA!”: DESBRAVANDO LEITORES EM UMA EXPERIÊNCIA DE LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Arícia Cecília de Farias Bezerra

Universidade Cândido Mendes (UCAM – Prominas) (faleconosco@ucamprominas.com.br)

A prática da leitura, principalmente literária, entre jovens e adultos no Brasil hoje está cada vez mais escassa. Tal fato decorre tanto da falta desse costume em relação a grande massa da população no decorrer da história sociocultural do país, na qual a leitura era passatempo para os mais abastados, quanto de uma perspectiva de educação pouco voltada para essa prática, o que resulta numa defasagem da própria habilidade de leitura, fazendo com que muitos alunos cheguem ao 6º ano sem dominá-la de forma efetiva. Nesse cenário preocupante surge o letramento, voltado para o desenvolvimento da leitura e escrita no ambiente social. Porém, o desenvolvimento do gosto e do hábito da leitura de textos literários, nacionais ou internacionais, ainda permanece escanteada nas práticas educacionais. Inúmeros professores teimam em levar textos para leitura em sala de aula, sendo que muitas vezes são desacreditados pelas negativas dos alunos em relação a essa prática. Não se consegue estimular o prazer pela leitura, aspecto que se torna cada vez mais difícil à medida que os anos avançam e os livros didáticos cobram o trabalho com os clássicos. Para tanto, e antes que desistamos de disseminar o prazer pela leitura literária, e enquanto educadores, precisamos pensar e testar práticas que promovam o interesse dos alunos em relação ao texto literário, práticas que possibilitem uma aproximação entre aluno e literatura, sendo esta portadora de realidades infindas, desbravadora da liberdade humana e criadora de novas possibilidades. Assim, pensamos a literatura como importante ferramenta para o desenvolvimento do cidadão enquanto ser ativo e participativo no meio em que vive. Pensando dessa forma, o presente trabalho tem como foco uma intervenção em sala de aula através do letramento literário e do ensino contextualizado, visando responder a seguinte questão: quais resultados uma intervenção voltada para o letramento literário e pautada no ensino contextualizado podem ser alcançados em alunos de 6º ano do Ensino Fundamental do interior da Paraíba através da utilização de contos em sala de aula? Para isso, utilizamos como referencial teórico estudos de autores como Cosson (2006), Lajolo e Zilberman (2007), Soares (1999), entre outros. Partindo disso, objetivamos contribuir para a formação de alunos-leitores no 6º ano do Ensino Fundamental, buscando o desenvolvendo das habilidades de leitura e produção escrita e de uma compreensão da realidade, do outro e de si, além de buscar acrescentar à gama de estudos sobre o tema mais uma perspectiva de abordagem.

Palavras-chave: Letramento, Literatura, Leitura.

1. INTRODUÇÃO

O ato de ler inicia-se desde que nascemos e começamos a interagir com o mundo através da linguagem. Já nos primeiros processos cognitivos de uma criança ocorrem leituras infundas do mundo a sua volta. Fazemos a leitura de tudo, internalizamos e usufruímos dos conhecimentos adquiridos através dessa leitura, na prática. A partir dessa leitura do mundo, vamos conhecendo quem somos, nos recriando e recriando esse mesmo mundo. Desse modo, conhecendo e tomando posse dessas infinitas linguagens utilizadas pelo ser humano, nos deparamos com a mais eficiente delas, a língua. Primeiro aprendemos a fala, depois codificamos sua grafia e apreendemos sua escrita, ambas tendo como unidade de sentido o texto. O processo de atribuição de sentidos na leitura e escrita do texto parte da leitura do mundo e ambas começam a funcionar num círculo, onde uma complementa e desenvolve a outra.

Porém, a leitura e produção de textos são práticas sociais escolarizadas, já que a apreensão de ambas se dá, na maioria das vezes, através da escola. Mesmo assim, segundo Pietri (2009) a leitura não é uma prática escolar, pois pode ser aprendida ou desenvolvida fora da escola. Contudo, em algumas “comunidades não letradas (aquelas em que as relações sociais se fundamentam em usos orais da linguagem) a relação da escrita está garantida, muitas vezes, apenas através da escola” (PIETRI, 2009, p 11). Mesmo assim, vemos todos os anos, em pesquisas realizadas pelo próprio Ministério da Educação, como ainda estamos distantes de chegar a um nível aceitável em relação à leitura e escrita de nossos alunos, ou seja, vivemos em uma sociedade complexa, onde todos têm direito e acesso à escola, mas nem todos têm acesso à educação.

Esse “fracasso” escolar, e de certa forma social, por vezes decorre das metodologias voltadas à leitura e escrita, utilizadas pelo professor em sala de aula. Na disciplina de língua portuguesa, mais especificamente, sabemos que a grande maioria dos exercícios referentes a textos, finda no estudo estrutural, na nomenclatura, no entendimento de trechos do texto, colocando a língua como algo estático que pode ser apreendido e recortado em fatias a serem estudadas, não levando em consideração seu uso de forma contextualizada.

Essa história não muda muito quando o foco do ensino é o texto literário. Muitos livros didáticos trazem em sua constituição gêneros literários, porém os exercícios propostos relacionados a eles mostram que o texto é utilizado apenas como pretexto para classificações gramaticais e interpretações superficiais do que está dito.

O fato torna-se problemático quando a leitura da obra literária se faz apenas sob o viés da pedagogia, isto é, torna-se pretexto para o ensino de uma disciplina curricular, privilegiando a função de instrumentos para um fim alheio às prioridades singulares da criação artística (quando, por exemplo, sua leitura se realiza para o estudo da história, das ciências sociais, da higiene, da religião, etc.). (AGUIAR, 2011, p. 8)

Além dessa problemática, um fator agravante é o fato de os professores buscarem, sob uma ótica tradicionalista, utilizar logo de início textos clássicos da literatura, causando nos “pupilos” um distanciamento, já que tais textos, em geral, não fazem parte do mundo de conhecimento deles. Dessa forma, a literatura, já incluída de maneira muito tênue no ensino básico, torna-se objeto de rejeição por parte do alunado, o que impede que “ela exerça” seu papel desbravador no mundo particular do aluno.

Segundo Lajolo (1993) “lê-se para entender o mundo, para viver. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase que sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela” (p. 7). Nesse mesmo sentido, Cosson (2006) conceitua que nosso corpo linguagem é formado de diversos outros corpos e que quanto maior nosso corpo linguagem, maior nosso mundo. Pensando nisso, a literatura tem o poder de nos fazer refletir o mundo a nossa volta, à medida que a mesma baseia-se na própria condição humana, sendo um importante instrumento para a formação de um cidadão consciente, autônomo e principalmente, transformador.

Para tanto, entendemos que a educação necessita de uma atuação da escola que proporcione ao aluno a iniciação a essa experiência de leitura literária, levando em consideração o conhecimento que este já possui, temas que aproximem-se de seu universo de interesse e pautada em seu contexto sociocultural. A partir disso poderemos proporcionar efetivamente aos estudantes o mundo da leitura, e assim, como cita Freire (1989), a leitura da “palavramundo”, fazendo com que o aluno tenha acesso e reconheça-se através da escola, para que possa valorizar-se e, só a partir daí, conhecer e valorizar o que pertence ao outro.

Pensado no ensino de literatura, Rezende e Oliveira (2016) conceituam que seu ensino deve estar baseado no sentido de identificação e prazer e também de distanciamento, no qual a mesma deve ser analisada e inserida em seu contexto literário. Sendo assim, para as autoras, “na formação do leitor, o ensino fundamental voltar-se-ia mais para o prazer e a

identificação, e no ensino médio tratar-se-ia de olhar com distanciamento para a literatura, analisá-la, entender seus princípios de construção e inseri-la no sistema literário [...]” (p. 24).

Desse modo, como o foco deste projeto é o letramento literário entendemos sua importância enquanto forma de inserção do sujeito no conhecimento de si, do outro e do mundo, através da força da palavra escrita, que é a literatura, representando o mundo real a partir da reconstrução do mesmo, feita pelo escritor, através de seu mundo particular. Nesse panorama, encaixamos a literatura infanto-juvenil como forma de aproximação do aluno com o literário, contribuindo na formação do sujeito dono de sua enunciação (mesmo sendo ela polifônica), e tornando-se capaz de recriar sua realidade.

Partindo disso, o presente trabalho abordou exclusivamente o gênero conto na perspectiva da literatura infanto-juvenil, sendo este um gênero em geral cobrado em turmas de 6º ano do Ensino Fundamental. O trabalho com os textos ocorreu de forma contextualizada, valorizando a cultura do povo do interior da Paraíba, além de que buscamos explorar conhecimentos do mundo de interesse dos alunos. Para isso e por isso, os contos lidos em sala foram selecionados apenas a partir do momento em que a professora conheceu suas turmas de aplicação.

Assim, sabendo que a literatura só é encaixada mais efetivamente no currículo do ensino médio, procuramos investigar: quais resultados uma intervenção voltada para o letramento literário e pautada no ensino contextualizado podem ser alcançados em alunos de 6º ano do Ensino Fundamental do interior da Paraíba através da utilização de contos em sala de aula?

Partindo dessa problemática, temos como objetivo geral buscar contribuir para a formação de alunos-leitores no 6º ano do Ensino Fundamental, buscando o desenvolvendo das habilidades de leitura e produção escrita, além de uma compreensão da realidade, do outro e de si. A partir daí, objetivamos também: proporcionar aos alunos o contato com o texto literário (contos) de forma prazerosa; pôr os alunos em contato com textos literários que se relacionem com seus conhecimentos e experiências, trazendo um pouco de sua cultura, costumes, meio ambiente, variações linguísticas e contexto socioeconômico, mas também proporcionar a eles o contato com conhecimentos novos; proporcionar aos alunos a literatura enquanto realidade possível, enriquecedora e ativadora de conhecimentos sobre o mundo, o outro e sobre si; buscar os conhecimentos necessários acerca da narrativa para a

produção de textos que possuam essa tipologia como dominante no gênero; desenvolver a capacidade de compreensão e análise das narrativas lidas; ouvir e desenvolver a criatividade dos alunos através do fantástico presente no literário; buscar os conhecimentos necessários acerca do gênero conto; e buscar melhorar e estimular a produção de textos pelos alunos, principalmente do gênero conto.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa e analítica-intervencional, pois ao passo que observamos a presença da leitura literária no Ensino Fundamental e a relação dessa presença com os alunos, buscamos intervir nesse processo através do letramento literário. Para isso, tomamos como base para a intervenção o texto (no caso, contos), sendo ele a unidade de sentido da língua, para que, com base nisso, possamos buscar um trabalho significativo da leitura e escrita, indo além das práticas escolares usuais. Com isso, trabalhamos com turmas de 6º ano do ensino fundamental, sendo este o nosso corpo de análise.

Já que para Cosson (2006), o letramento literário possui uma configuração especial, ou seja, “o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio” (p. 12), dividimos nosso trabalho em 3 etapas: 1º etapa – “*Conhecer para cultivar*”: engloba a fase em que a professora conheceu seus alunos, que ocorre antes de iniciar o trabalho com textos literários; 2º etapa – “*O semear da leitura*”: voltada a momentos motivacionais que buscaram estimular a curiosidade pelo texto, a criatividade e a imaginação dos alunos; a leitura de textos literários selecionados para a turma; e explicações acerca da estrutura e funcionalidade do gênero conto através dos textos lidos; e 3º etapa – “*É tempo de festa, é época de colheita!*”: a produção de textos do gênero trabalhado.

1ª Etapa - “*Conhecer para cultivar*”

Essa etapa é de primordial importância para a iniciação do trabalho com o texto literário. Tomar conhecimento sobre o contexto sociocultural dos alunos, suas características emocionais e cognitivas, seus conhecimentos prévios, é o que faz com que o trabalho do professor em sala de aula tenha sentido.

Desse modo, essa etapa iniciou-se através do questionamento: “você gosta de ler?” De forma quase unânime a turma respondeu que não. De um modo geral, quando questionamos nossos alunos e recebemos negativas, tendemos a desanimar. Como nesse caso a resposta já era esperada, o próximo questionamento foi: “você gosta de assistir filmes?” De forma também quase unânime escuta-se um grandioso “sim”. Partindo disso, a intervenção inicia-se. Foram elencados para os alunos os motivos pelos quais eles não gostam de ler e fazendo um paralelo com os filmes aos quais eles gostavam de assistir, foi exposto que eles ainda não se depararam com textos aos quais eles realmente tiveram interesse em ler, sendo que a maioria de suas leituras eram feitas por ordem dos professores ou dos pais e não de suas próprias escolhas.

A partir dessa conversa, foi-se descobrindo quais gêneros cinematográficos os alunos gostavam de assistir, como romance, terror, suspense, ação, aventura. Isso serviu como base para a seleção dos contos para a próxima etapa. Para que esse processo de conhecimento entre docente e discente pudesse ter continuidade, foi sugerido que os alunos trouxessem causos para serem contados em uma roda de causos. Os alunos trouxeram histórias e/ou estórias contadas por seus familiares, algumas engraçadas, outras estranhas e até aterrorizantes. O que chamou atenção foi a grande quantidade de narrativas envolvendo figuras do folclore da região, contadas pelos familiares que afirmavam que realmente tinham acontecido.

2ª Etapa - “O semear da leitura”

Nessa segunda etapa do processo é feita a introdução do texto literário e do gênero a ser trabalhado. É nessa etapa também onde as informações adquiridas pelo professor na primeira etapa são aplicadas. Dessa forma, os contos selecionados para as aulas foram com base no perfil dos alunos em relação ao contexto sociocultural e aos seus gostos pessoais.

Para cada aula voltada para a leitura e interpretação de textos foram levados no mínimo três textos de diferentes temáticas. Os títulos desses textos foram transcritos no quadro e a professora fez questionamentos acerca das inferências que os alunos faziam sobre o texto com base no título. Em seguida, foi proposto que cada aluno escolhesse um título para fazer a leitura, sendo que eles ficaram livres para ler os outros textos. Um fato interessante de ser observado foi o de que a grande maioria dos alunos, mesmo aqueles que afirmaram não gostar de ler, leu mais de um texto. Após a leitura dos textos, era pedido para

que algum aluno contasse e/ou falasse sobre o texto lido ou do que ele mais havia gostado. Eles pareceram bastante integrados e interessados em expor suas considerações sobre os textos, havendo a participação da maioria da turma. Ao longo do período de trabalho, foram feitos 5 (cinco) momentos como este, em geral de 3 aulas (cada uma de 40 minutos), intercalados à aulas expositivas sobre a estrutura do gênero conto e do texto narrativo, atividades de interpretação dos textos lidos e de fixação dos conteúdos.

Como essa etapa é bastante voltada ao aspecto motivacional, foi lançado aos alunos a proposta de que pensassem em histórias interessantes que eles gostariam de contar, assim como os causos que eles contaram na primeira etapa. Foi estimulada ainda a criatividade com uma atividade lúdica, na qual os alunos ouviriam uma sequência de músicas instrumentais, e estando de olhos fechados em suas carteiras, imaginariam personagens, o espaço, o tempo e as ações dos personagens, de acordo com o que as músicas conduzissem. Depois disso, os mesmos foram incitados a expor o que haviam criado. Além disso, foi proposta a produção de um livro com as produções finais dos alunos para ser mantido na biblioteca, como resultado de um processo de ensino aprendizagem.

3ª Etapa - *“É tempo de festa, é época de colheita!”*

Essa etapa não foi iniciada ao término da segunda, porém foi intercalada a ela, já que as produções dos alunos ocorreram em forma de processo. Desse modo, foi proposta a produção inicial de contos e, com base nelas, as aulas seguintes foram planejadas, voltadas sempre para uma revisão da prática da professora. Os contos foram “corrigidos” através de observações feitas pela professora a respeito do que poderia ser melhorado em cada texto. Através de aulas expositivas, foram levados em slides trechos dos textos produzidos pelos alunos, para que junto a eles, as principais inadequações fossem revisadas. A partir disso, cada aluno tomou de volta seu texto, releu-o e leu as observações feitas pela professora. As reescritas estão sendo feitas em sala de aula, para que a professora possa orientar os alunos de perto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Respondendo a problemática inicial desta pesquisa, que questionava os resultados de uma prática de letramento literário, pautada no ensino contextualizado em turmas de 6º ano, podemos observar que através dessas etapas que ocorreram ao longo de um semestre letivo,

foram percebidas atitudes nos alunos que, em geral, não são notadas através do trabalho descontextualizado com textos literários, sem nenhum tipo de busca pela curiosidade sobre aquilo que o professor está propondo.

Além disso, sabendo que para a assimilação de novos conhecimentos, o professor precisa partir de conhecimentos que os alunos já possuem, a primeira etapa promoveu uma aproximação entre professor e alunos, onde os mesmos puderam trocar experiências através da contagem de causos e de conversas planejadas em sala de aula. A partir do conhecimento entre professor-aluno, percebeu-se uma maior interação na aula, os alunos se mostraram mais envolvidos nas atividades, tanto por gostarem quanto por conhecerem os temas dos textos. O envolvimento era tanto, que eles pediam para que a professora trouxesse mais textos.

Após a leitura de tantos textos do gênero conto, os alunos se mostraram mais familiarizados e motivados no momento da produção inicial, tanto que muitos pediam para produzir o texto mesmo antes do dia marcado pela professora. Tais produções iniciais tiveram problemas relacionados ao uso do discurso direto e indireto nas falas do narrador e dos personagens, em relação aos momentos da narrativa, além de questões corriqueiras como ortografia e pontuação. Porém, os conteúdos dos textos, as histórias criadas eram sempre muito interessantes, desde temas voltados para os costumes típicos do interior da Paraíba, como o caçador que sai à noite para caçar “peba”, até histórias cômicas sobre políticos corruptos, de casais apaixonados, entre outros tantos.

Durante o processo de produção os problemas detectados nos textos iniciais foram expostos e revistos em aulas expositivas. A resposta dos alunos foi positiva, e a grande maioria está se empenhando para realizar e finalizar seus textos.

O processo de reescrita dos textos ainda está acontecendo, porém, o que pode ser considerado até o presente momento é a recepção das turmas nas quais a metodologia deste projeto foi aplicada, onde os alunos mostravam sentir-se envolvidos e participes do processo de ensino aprendizagem. A partir disso, percebeu-se uma evolução dos alunos em relação às produções escritas anteriores a essa metodologia, partindo de textos de 5 linhas, nos quais não se tinha o que dizer, à textos de uma página, com conteúdos e temas interessantes. Alunos que mal escreviam linhas inteligíveis produziram textos, superando algumas de suas limitações, principalmente a social.

Além desses avanços, o que também foi observado foi o maior contato entre muitos alunos e os livros de literatura, a ida mais assídua dos alunos à biblioteca para buscar livros que iriam ser lidos em casa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que o grande desafio da educação no que tange a língua portuguesa é a formação de cidadãos capazes de utilizar a língua de modo satisfatório em suas diversas situações de comunicação. Como afirma Albuquerque (2007), há muito se percebeu que as práticas de leitura e produção textual presentes na escola, relacionadas a um “letramento escolar”, não estavam sendo satisfatórias à sociedade de forma socioeconômica-cultural. Por outro lado, o simples contato com práticas de leitura e produção de textos utilizados no cotidiano social não garantem a apreensão da escrita alfabética do aluno, já que ele precisa refletir sobre as características do sistema de escrita. Frente a esse cenário, torna-se essencial que educadores pensem e busquem formas de trabalho com o letramento que possibilitem bons resultados em relação aos desafios aos quais nos deparamos no dia a dia escolar, principalmente referentes à leitura e escrita.

Em se tratando dos resultados alcançados com o presente projeto, o que pode ser “concluído” até o momento atual é que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos docentes atualmente é conseguir alcançar o público, convencê-los à “comprar nosso produto”. Conquistando isso, precisamos ainda lidar com a heterogeneidade existente nas salas de aula, onde alunos que possuem habilidades de leitura e escrita mais avançadas sentam-se lado a lado com alunos com necessidades primárias, como a própria decodificação da língua portuguesa e mesmo a compreensão de um pequeno texto lido. Dessa forma, é primordial que conheçamos nossos alunos antes de intervir. Precisamos saber de forma consolidada as necessidades individuais de nossos alunos para que possamos lidar com uma turma de forma justa, considerando as desigualdades existentes.

Em relação ao ensino de literatura no Ensino Fundamental, o que notamos é o trabalho com o texto literário com finalidades meramente interpretativas, sem que as potencialidades presentes na literatura sejam exploradas. Nossos alunos ainda não são ensinados a gostar de ler literatura. O contexto sociocultural do nosso país, e mais especificamente do nosso estado, em geral, não privilegia a leitura. Somos direcionados a

outras atividades como assistir TV, utilizar as redes sociais e até mesmo para o trabalho. O ato de ler é encarado muitas vezes, como conceitua Santos (2016) como ócio, falta do que fazer. Para que essa visão seja modificada precisamos buscar sua desmistificação dentro da própria escola, utilizando a literatura como elemento importante na formação de cidadãos atuantes na sociedade em que vive.

Partindo disso, vemos a literatura como grande aliada no processo de formação do cidadão que buscamos formar. Como conceitua Todorov (2009, p. 92 apud Santos, 2016, p. 48) “Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano”. Dessa forma, a literatura dá a seu leitor a possibilidade de experimentar situações de modo confortável, experiências que não são realmente suas, mas que poderiam ser.

Nossa finalidade na presente pesquisa não é ditar receitas de como abordar o texto literário em sala, mas acima de tudo, observar os resultados que são alcançados a partir de uma prática planejada, pautada no conhecimento do meio e do indivíduo aluno, partindo do familiar ao desconhecido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária para crianças brasileiras: das fontes às margens. SOUZA, Renata Junqueira de. FEBA, Berta Lúcia Tagliare (Org.). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 7 – 11.

ALBUQUERQUE, Eliana Correia Borges de. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Org.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11 – 22.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura na escola. In: _____ (Org.). **O texto em sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 1997. p. 88 – 99.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil na escola: Histórias & Histórias**. 6º ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. 2º ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

REZENDE, Neide Luzia de; OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. Entre a identificação e o distanciamento: as práticas de leitura ficcional dos jovens e o ensino de literatura. In: **Panorama Contemporâneo das pesquisas em ensino de literatura**. Francisco Neto Pereira Pinto; Márcio Araújo de Melo (Org.). Campina Grande: EDUFCEG, 2016, p. 17-37.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. Leitores/as, textos e contextos. In: **Panorama Contemporâneo das pesquisas em ensino de literatura**. Francisco Neto Pereira Pinto; Márcio Araújo de Melo (Org.). Campina Grande: EDUFCEG, 2016, p. 41-57.

SOARES, Magda. Letramento em verbete: O que é letramento? In: **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica 1999. p. 15 – 25.